

Experiências em Arte-Educação: Uma metodologia de ensino-aprendizagem emancipadora construída a partir das artes audiovisuais

BRUNO VIEIRA LOTTELLI

Introdução

A formação de cidadãos emancipados passa, hoje, por um desafio fundamental: superar a tendência reificadora da sociedade em que vivemos. Experiências em arte-educação podem ser uma ferramenta útil nesta tarefa. Tendo isso em vista, iremos abordar, neste *paper*, uma pesquisa iniciada no segundo semestre de 2014 para construir uma metodologia de ensino-aprendizagem emancipadora a partir das artes audiovisuais. Será nosso objetivo articular suas incipientes referências teóricas, como também realizar um relato crítico das primeiras experiências aplicadas em campo. Ao final, traçaremos um breve balanço apontando as potencialidades observadas na práxis deste percurso.

Provisoriamente intitulada “Audiovisual do Oprimido”, esta metodologia tem, originalmente, dois pilares teóricos: primeiro, uma leitura crítica de clivagem frankfurtiana da função das artes no mundo contemporâneo, baseada em Walter Benjamin e Theodor W. Adorno e, segundo, as práxis pedagógicas libertárias criadas por Paulo Freire - como o título provisório não procura disfarçar. Em seu percurso, esta pesquisa recebeu uma contribuição valiosa ao entrar em contato com a metodologia “Inventar com a Diferença”, desenvolvida pela Universidade Federal Fluminense em parceria com o Governo Federal, para oferecer formação e acompanhamento a educadores e educadoras de escolas públicas de todo o

país para trabalhos com vídeo em torno da temática dos Direitos Humanos. Essa metodologia nos forneceu um modelo comparativo, permitindo-nos rever conceitos e processos, inclusive nos propiciando conhecer pesquisadores e pesquisadoras brasileiras da área de arte-educação audiovisual, cujas experiências práticas e teóricas foram incorporadas na medida do possível.

As experiências aplicadas do “Audiovisual do Oprimido” ocorreram em etapas semestrais e em contextos distintos, o que possibilitou agregar uma avaliação qualitativa e quantitativa à pesquisa em construção. Para os fins deste paper, abordaremos as primeiras duas aplicações: no segundo semestre de 2014, coordenei oficinas com estudantes de quatro escolas estaduais de ensino médio, da região de Sorocaba e, no primeiro semestre de 2015, reeditei essas oficinas na forma de um (per)curso livre, sem restrições de participação, tendo como sede o Coletivo Cê, localizado em Votorantim/SP. É preciso dizer que suas realizações foram possíveis graças a apoios distintos: no primeiro caso, um projeto de extensão universitária da UFSCar-Sorocaba ligado à graduação em Pedagogia e, no segundo caso, um fomento direto da Secretaria de Cultura, Turismo e Lazer, de Votorantim, para o coletivo artístico local.

Em uma próxima oportunidade, será necessário relatar as experiências realizadas no segundo semestre de 2015. A saber: um documentário sobre os movimentos sociais de juventude, em Sorocaba, que incluiu a formação teórica e prática de um elenco de, aproximadamente, 20 adolescentes nas áreas de produção e atuação cinematográfica; e o desdobramento das oficinas votorantinenses em um núcleo de pesquisa e criação audiovisual focado na investigação sobre o cinema expandido, tendo realizado intervenções e instalações para grandes audiências.

Referencial Teórico

Em sua *Teoria Estética*, Theodor W. Adorno afirma, logo na primeira página do primeiro capítulo, que, em nossa sociedade, tudo o que diz respeito à arte deixou de ser evidente, até mesmo o seu direito à existência (ADORNO, 2008). Com o avanço do capitalismo, todos os aspectos da vida humana passaram a ser espetacularizados, ou seja, transformados em produtos midiáticos a serem distribuídos e consumidos em massa. Os sujeitos desta sociedade foram reduzidos à condição de objetos, perdendo a evidência do seu direito de existir, tal qual as artes. Essa relação entre humanidade, arte e reificação foi pensada e discutida por Walter Benjamin em seu célebre ensaio “A obra de arte na era da reprodutibilidade técnica”.

A humanidade que, outrora, com Homero, era um objeto de contemplação para os deuses no Olimpo, é agora objeto de autocontemplação. A sua autoalienação atingiu um grau tal que lhe permite assistir à sua própria destruição, como a um prazer estético de primeiro plano. É isto o que se passa com a estética da política, praticada pelo fascismo. (BENJAMIN, 1994)

Ao perderem a evidência do seu direito à existência, à humanidade e à arte, perderam-se uma da outra, deixando de se afetar reciprocamente. A experiência estética, segundo Adorno, ocorre na relação entre o sujeito e a obra de arte, misturando feitiço e espanto, sendo contraponto da sociedade totalmente administrada. Nesta perda de conexão entre a humanidade e a arte, reside, segundo esta clivagem de leitura crítica que adotamos, o princípio da espetacularização da vida e a tendência reificadora contra a qual esta metodologia emancipadora, ainda em construção, pretende se opor e superar.

No campo das teorias da educação, Paulo Freire é destacado internacionalmente por ter dado origem à uma metodologia crítica de ensino-aprendizagem que define a humanidade por sua vocação para a liberdade, em contraponto à reificação descrita acima. Freire resignificou o processo educativo a partir de uma visão dialógica, voltada para a permanente libertação de todos sujeitos envolvidos no processo, sejam educadores e educadoras ou educandos e educandas. Depreende-se, a partir do pensamento freireano, que os sujeitos estão em permanente construção, transformando-se mutuamente através dos diálogos estabelecidos, atendendo, assim, à sua vocação ontológica de “ser mais”, de transbordar as predefinições sobre sua existência.

“Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção.” (FREIRE, 2005)

Freire criticou duramente os modelos de educação cujos projetos acabam impedindo este transbordar. Também descritos pelo autor como educação bancária, esses modelos de ensino-aprendizagem são estruturantes na formação dos sujeitos reificados na sociedade capitalista, portanto, em conjunto, desconectados da experiência estética e da formação dialógica.

No campo da arte-educação audiovisual, Cezar Migliorin tem realizado pesquisas baseadas na crença de que a relação entre o cinema, a escola e as crianças tem potencial transformador e emancipatório. Ele parte da hipótese de que as exigências formais do cinema - como a decisão a respeito da duração e do enquadramento de um plano -, requerem uma toma-

da de posição do cineasta frente ao mundo e que, uma vez transformadas em ferramentas pedagógicas, essas exigências permitiriam aos educandos e educandas se perceberem enquanto sujeitos e refletirem a respeito de sua posição frente ao mundo.

É nas práticas do cinema com o seu entorno, com a alteridade e com as diferenças, que adultos e crianças trabalham e inventam juntos. É no processo que descobrimos a força que existe em criar um ponto de vista sobre o mundo ou um lugar para ouvir o que nunca antes havíamos parado para escutar. (MIGLIORIN, 2014)

Portanto, com base nesse recorte teórico, que consideramos, desde já, incipiente, que estabelecemos os parâmetros para a pesquisa que estamos desenvolvendo em espaços formais e não formais de educação, partindo de experiências com artes audiovisuais.

Experiências aplicadas

O projeto de extensão “Olhares EM Diálogo” foi realizado pela UFScar-Sorocaba sob a coordenação geral da professora Dra. Maria Carla Corrochano. O principal objetivo foi atuar em direção à melhoria da qualidade do Ensino Médio a partir do reconhecimento das diversas identidades presentes no ambiente escolar, e promover o diálogo entre os desejos e olhares encontrados. Trabalhamos, simultaneamente, com jovens educandos e educandas de escolas públicas, entre 15 e 17 anos, de três municípios diferentes: Sorocaba, Votorantim e Pilar do Sul. Durante o segundo semestre letivo de 2014, estive nas escolas, semanalmente, acompanhado por uma pessoa bolsista da graduação em Pedagogia, da UFScar-Sorocaba, a fim de realizar encontros de formação. O objetivo era desenvolver três competências: a leitura crítica da produção audiovisual contemporânea, as habilidades necessárias para o trabalho coletivo e expressão das subjetividades. Nossa metodologia inicial foi norteadada por três eixos de ação: introdução aos conceitos básicos da arte cinematográfica, produção de vídeos e debate sobre os temas pertinentes ao dia-a-dia desses jovens. Nos primeiros encontros, a estratégia principal foi realizar cine-debates, exibindo obras audiovisuais e, em seguida, lançando perguntas geradoras sobre os temas abordados, formas estéticas empregadas e modos de produção utilizados. Nesse período, foram exibidos cerca de 20 curtas-metragens em cada turma, além de trechos de trabalhos de outras durações. Na sequência, realizamos a produção de vídeos com base em propostas organizadas por Cezar Migliorin no material de apoio à metodologia “Inventar com diferença”, como: o Minuto Lumière, que utiliza um único plano, sem movimento de câmera, mimetizando os precursores do cinema, e o Filme Hai-Kai, que leva os participantes a realizarem um vídeo-poema

com três planos. Na última etapa, organizamos rodas de conversas sobre temas sugeridos pelos adolescentes, como preconceito, sexualidade, política e trabalho, buscando relacioná-los com a vida escolar e as questões inerentes à juventude. Como conclusão, propusemos a realização de uma vídeo-carta, na qual cada participante poderia expressar sua opinião e sentimentos em relação à discussão gerada pelas rodas de conversas, dirigindo uma mensagem audiovisual a um correspondente imaginário.

No primeiro semestre de 2015, reeditei essa oficina mantendo, a princípio, o objetivo e os eixos norteadores de ação. No entanto, o ambiente de realização, bem como a natureza do público participante afetou diretamente o decorrer das atividades. Com apoio da Secretaria de Cultura de Votorantim, realizamos esta oficina na sede do Coletivo Cê, estabelecido desde 2010 na região, cuja notória excelência atraiu participantes com vínculos anteriores às artes, comunicação e filosofia, com faixa etária entre 20 e 40 anos. O alargamento do campo de trabalho, passando do cinema para todas as artes audiovisuais, foi o primeiro efeito sentido pela mudança de público. Além disso, este grupo se distinguia também por estar mais avançado na organização de discurso e ideia de produção, embora tenha demonstrado maior distanciamento em relação à tecnologia e à técnica audiovisual. Outra diferença fundamental foi a ressignificação da ideia de “curso” para uma proposta de “percurso”, no qual os participantes estariam livres para ingressar ou abandonar em qualquer parte do caminho, abrindo mão, assim, de uma presunção teleológica e, portanto, não dialógica desta formação. Na prática, isso começou a se estabelecer com a inversão da ordem lógica das ações, de forma que, ao invés de propor o material audiovisual a ser exibido, no início de cada encontro, eu perguntava aos presentes: “o que você espera deste percurso audiovisual?”. Vale ressaltar que, apesar de dispor de um bom acervo de materiais, essa estratégia não seria possível sem o acesso à internet de qualidade, uma vez que as respostas à pergunta ora nos levava a assistir curtas-metragens franceses, ora videoclipes estadunidenses. E, a cada uma das desistências ou novos ingressos, o quadro de expectativas do grupo alterava sua configuração e novos caminhos eram tomados. É interessante notar que algumas propostas do “Inventar com a diferença” foram utilizadas neste processo e outras não. Em especial, a atividade de conclusão mudou de uma vídeo-carta para um curta-metragem ficcional, baseado na adaptação de contos literários, demonstrando a verve intelectualizada da segunda turma. Após o encerramento oficial das atividades do semestre, esse grupo ainda produziu uma instalação audiovisual utilizando vídeos realizados individualmente durante o percurso, desta vez posicionados em sequência e em *looping*, exibidos por um celular instalado dentro de uma casa de passarinhos.

Considerações finais

A fim de realizar um balanço das experiências aplicadas, precisamos retornar aos referenciais teóricos e aos fundamentos introdutórios desta pesquisa. Cabe, portanto, analisar as atividades realizadas sob a ótica da disputa entre reificação e emancipação. Em ambas as aplicações, orientamo-nos pelo esforço em direção à emancipação dos educadores, educadoras, educandos e educandas e, também, pela crença de que as artes audiovisuais, ao pressupor a necessidade permanente de fazer recortes sobre a realidade e relacionar o mundo da representação com o mundo concreto, estimulam as pessoas envolvidas por seu processo criativo a revisar seus posicionamentos éticos, estéticos e políticos e, ainda, organizar e projetar desejos de transformação da sociedade através da forma artística. Em outras palavras, estivemos focados em possibilitar uma experiência dialógica bastante ampliada, envolvendo sujeitos diversos e a produção audiovisual, como forma de provocar o distanciamento necessário para que os educandos e educandas pudessem enxergar melhor sua posição dentro da sociedade do espetáculo e, assim, superar a perda do seu direito à humanidade e à liberdade. Walter Benjamin escreveu sobre a função do artista em *O Autor como Produtor*.

“Seu trabalho não visa nunca à fabricação exclusiva de produtos, mas sempre, ao mesmo tempo, a dos meios de produção. Em outras palavras: seus produtos, lado a lado com seu caráter de obras, devem ter, antes de mais nada, uma função organizadora” (BENJAMIN, 1994)

Sendo assim, é preciso avaliar de que forma estas experiências transformaram, ou, pelo menos, tencionaram as funções organizadoras vigentes em seu ambiente. Em 2014, acreditamos ter impactado o cotidiano escolar, tradicionalmente caracterizado pela afirmação de regras e certezas, ao realçar o afeto e as sensações como ferramentas pedagógicas em um espaço consagrado à hegemonia do cognitivo. As escolas tradicionais, adeptas da “educação bancária”, tendem a conformar os sujeitos com as narrativas fechadas, inflexíveis. As artes audiovisuais, por privilegiarem dúvidas e exceções em sua construção, acabaram por desconstruir paradigmas do ambiente escolar, como a hipertrofia da racionalidade, a submissão às hierarquias e às proibições de uso do espaço. Como, por exemplo, transformar o laboratório de química em cenário para uma cena de competição olímpica. Já em 2015, estávamos cientes de que a sede criativa de um coletivo artístico não estava exatamente carregada desses paradigmas repressivos. Para este grupo, composto, em grande parte, por jornalistas, estudantes, pedagogos e pedagogas, interessava buscar a reconexão de suas vidas cotidianas com a experiência estética, o que nos levou em direção a experiên-

cias mais subjetivas, como a realização de um vídeo-ensaio em resposta à pergunta “Como é o lugar onde eu moro?”. Desta forma, em vez de questionar os regimes repressivos à sua volta, este grupo investiu na depuração dos estímulos artísticos presentes em cada um, realizando uma sequência de obras, ora individuais e ora coletivas.

Finalmente, torna-se necessário concluir essas considerações finais destacando o sucesso das oficinas no que tange à primeira parte de seu objetivo: a ampliação do léxico crítico dos participantes e das participantes. De certa forma, essa alfabetização audiovisual se demonstrou fundamental para o desenvolvimento do diálogo livre e afetuoso, uma vez que a restrição ao conhecimento e à vontade de “ser mais” distancia os sujeitos. Depreende-se, finalmente, que a leitura crítica da realidade preside as possibilidades do encontro e trabalho coletivo, bem como da expressão subjetiva. Reside aí, portanto, uma enorme potencialidade que tem estimulado a continuidade desta pesquisa.

Referências Bibliográficas

ADORNO, Theodor. **Teoria Estética**. Lisboa: Edições 70, 2008.

BENJAMIN, Walter. **Magia e Técnica, Arte e Política**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

FRESQUET, Adriana (org.). **Cinema e educação: a lei 13.006**. Belo Horizonte: Universo Produções, 2015.

MIGLIORIN, Cezar; et al (orgs.). **Inventar com a diferença**. Niterói: Eduff, 2014

O AUTOR

BRUNO VIEIRA LOTTELLI - Artista e arte-educador, mestrando do Programa de Meios e Processos Audiovisuais ECA/USP. Contato: brunolottelli@gmail.com